

VISÃO DO CORREIO

O "custo Trump" para a economia

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent vem anunciar um pacote de sanções duro e amplo contra o Irã, destinado, nas suas palavras, a “asfiar” a economia da República Islâmica. Quando antecipou a nova estratégia, com a guerra iniciada por Washington às portas de completar seis meses, o presidente Donald Trump empenhou-se em apresentá-la como um “movimento final” para levar o regime de Teerã à rendição — algo como um xequê-mate, no xadrez.

Sem resultados palpáveis das primeiras semanas de bombardeios maciços, seguidos pela batalha naval no Estreito de Ormuz — igualmente sem solucionar o impasse militar —, e aparentemente com munição escassa para retornar ao ritmo inicial no campo de batalha, Trump anunciou um “Dia D econômico”. A referência é ao desembarque de tropas aliadas na França ocupada pela Alemanha nazista, na fase decisiva da 2ª Guerra Mundial.

O Irã, naturalmente, é o alvo imediato. Mas, pela extensão e profundidade, as medidas anunciadas pelo secretário do Tesouro prometem enviar ondas de choque pela economia global, ao passo em que forem colocadas em prática. A fim de levar ao colapso a economia do Irã, o sentido geral do pacote é deixá-la isolada por um “cordão sanitário”, uma “cortina de ferro” — para evocar a linguagem geopolítica do pós-2ª Guerra. Países, empresas e entidades de todo tipo que “lavarem” ativos iranianos serão excluídos do sistema dólar e estarão sujeitos a outras sanções, como as sobretaxas comerciais.

Pelo sentido e pelo espírito, o pacote do Dia D econômico se assemelha ao bloqueio econômico imposto a Cuba há mais de meio século, e progressivamente acirrado, ao ponto do atual cerco energético. Não por acaso, o termo usado para ilustrar os objetivos contra a ilha comunista é o mesmo: asfixia.

A diferença principal é que, enquanto

Cuba é impedida fundamentalmente de importar, o Irã é importante exportador — de petróleo e gás, assim como de insumos para fertilizantes. É o principal fornecedor dessas matérias-primas para a China, que já declarou sem rodeios sua recusa a acatar o ditame de Washington. Outros importadores se verão afetados pela alta das cotações, caso o óleo iraniano fique, efetivamente, fora dos mercados. Sem falar na ameaça de Teerã de impedir a passagem de “nenhuma gota sequer” de petróleo por Ormuz, caso não possa comerciar o próprio.

Desde que retornou à Casa Branca, em janeiro de 2025, Donald Trump desdobrou-se em anunciar uma abordagem agressiva no concerto econômico global, sempre em nome de defender o que apresenta como os interesses dos EUA — e honrar o slogan de campanha de “fazer a América grande novamente”. Afora proclamações quase ocas, como a de anexar a Groenlândia ou a de transformar o Canadá no “51º estado”, reverberam, ainda, os impactos da guerra tarifária — inclusive, no momento, com o vizinho do norte. Também o Brasil segue às voltas com a imposição unilateral de sobretaxas comerciais.

É cedo para determinar os efeitos do novo pacote na dinâmica de uma guerra truncada e sem desenlace à vista. Já são palpáveis, no entanto, os desdobramentos da política errática e agressiva da Casa Branca para a economia mundial — e mesmo a dos EUA. Os custos da energia subiram de patamar, pressionam a inflação e, por tabela, inibem as projeções de crescimento econômico. Parceiros estratégicos, como a Europa e o Japão, ressentem-se. Mesmo o Brasil, distante do conflito no Oriente Médio, vê-se forçado a traçar estratégias para contornar os efeitos de políticas fora de seu alcance.

O “custo Trump”, como um míssil sem sistema de direção, atinge alvos aleatórios e causa estragos para todos.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Sim, isto é um homem

“Vocês viram que mais uma pessoa foi atacada por um morador de rua?”, perguntei, na semana passada, às minhas irmãs. Ao que Karla questionou: “Já reparou que a gente trata morador de rua como uma categoria à parte?”. Repeti o que havia falado. Pessoa atacada por morador de rua. Em que momento decidimos desumanizar alguém pelo fato desse alguém, diferentemente de nós, não ter onde viver?

Não sou hipócrita: fico extremamente incomodada com gente me pedindo dinheiro. Não adianta dizer que “estou sem trocado”. “Aceito pix”, respondem. Ou, então, “traz um pão pra mim do mercado?”. Noutro dia, me pediram pó de café e fiquei indignada (“Mas que luxo é esse?”, pensei, para minha própria vergonha. Ao confessá-lo em público, busco, egoisticamente, a redenção).

Também me apavora a sensação de insegurança. Medo de ser atacada, seja em um assalto, seja durante um surto. Convidada do programa *CB Saúde*, a psiquiatra Helena Moura, professora da Universidade de Brasília (UnB), explicou, na última quinta-feira, que a população de rua é especialmente vulnerável a crises psicóticas, seja por deficiências nutricionais, abuso de substâncias ou pelo eterno estado de alerta exigido de quem está completamente sozinho em um mundo hostil.

Sei que temos razão de temer pela segurança; que, trabalhadores honestos e pagadores de tantos boletos, temos direito

de não querer assumir a conta de desconhecido; que tem, sim, bandido infiltrado; que alguns têm casa (mas, se preferem se expor às ruas, que casa é essa?). Sei, antes de tudo, que preferíamos que fossem invíveis, não enfeando nem sujando nossas quadras, nem nos constrangendo quando, ao comer um croissant na varanda do café, somos abordados por alguém dizendo que tem fome.

Mesmo reconhecendo tudo isso, envergonho-me quando troco de calçada para evitar um ser humano moldado no mesmo barro que eu, mas que se veste de trapos, é desdentado e cheira mal. Envergonho-me quando acho que, se for para pedir, que seja pão — jamais pó de café. Envergonho-me por tirar deles o direito de serem pessoas, já que não têm endereço.

E, não, não vou levar para morar comigo, nem pegar para criar, que é o que se diz quando uma pessoa ousa questionar a aversão a moradores de rua. Eu também tenho medo e perco a paciência. Mas nem eu, nem você temos o direito de enxergá-los como coisas que deveriam ser removidas, jogadas bem longe de nós, onde não nos causem incômodo.

Ao visualizar um judeu no campo de concentração, o escritor italiano Primo Levi perguntou, criticamente: “É isto um homem?”. Que nunca tenhamos dúvida ao nos depararmos com volumes cobertos por sacos pretos, sob lonas, imundos, no chão duro. São, sim, pessoas.

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opinioao.df@dabr.com.br || 3214-1157



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Morte da veterinária

As perguntas que ficam após a tragédia que ocorreu com a veterinária do Senado: por que essa casa legislativa precisa manter um canil? E com cães de tamanha agressividade? Quanto custa esse serviço para os contribuintes e qual a efetividade dele? Com certeza, a função do nosso Senado é aprovar as leis do nosso país e não lidar com a criação de animais. Isso fere os princípios da administração pública, além de ser um dinheiro jogado no ralo, mais um no nosso Brasil!

» Washington Luiz S Costa,
Samambaia

Segurança pública

Mais uma vez, violência, narcotráfico, milícias e crime organizado ou o narcoterrorismo (segundo os EUA) ocupam o centro das campanhas eleitorais. O medo cresce enquanto facções ampliam a presença e recrutam jovens em situação de vulnerabilidade. Fala-se em Ministério da Segurança, PEC da Segurança, presídios de segurança máxima e aumento de penas. São medidas importantes, mas concentradas, principalmente, nas consequências dos crimes já praticados. O Brasil precisa investir com muito mais determinação na prevenção da criminalidade. É indispensável impedir que crianças e adolescentes sejam atraídos pelo tráfico, pelas milícias e pelas facções. O Estado precisa chegar antes do criminoso, oferecendo educação de qualidade e acompanhamento familiar e social. Qualificação profissional, esporte, cultura e tecnologia devem abrir perspectivas concretas para nossos jovens. O primeiro emprego e a possibilidade de independência financeira também são poderosos instrumentos de prevenção. Nos bolsões de pobreza, a ausência do poder público facilita o recrutamento promovido pelo crime organizado. Dinheiro fácil e bens de consumo não podem parecer mais atraentes que o trabalho honesto e uma vida digna. União, estados e municípios precisam construir uma verdadeira política nacional de prevenção e inclusão social. Segurança pública não pode significar somente polícia, presídios, repressão e endurecimento das leis. Precisamos acompanhar nossos jovens da infância à escola, à formação profissional e ao trabalho digno. A maior vitória contra o crime acontece quando oferecemos esperança e futuro antes que o criminoso consiga recrutá-los.

» João Coelho Vítola,
Asa Norte

Dez anos no Correio

Em julho, comemorei uma década com divinas emoções em ter meus textos — temáticas multivariadas — sendo acolhidos pelo histórico e conceituado **Correio Braziliense**. E tudo começou, assim, em 2016, quando íamos caminhando, no Cemitério Campo da Esperança da Asa Sul, final do sepultamento de um confrade e diretor da Academia Taguatinguense de Letras, José Orlando. Um amigo me acompanhava e assim se expressou: “Sampaio, o que houve em não mais escrever à *Veja Brasília* impressa!? Gostava de ler seus textos naquelas páginas...” E Eu: “Olá, amigo, a revista encerrou suas publicações impressas, e continua no meio virtual; e, no entanto, minha emoção reside mais em comprar exemplares do veículo de comunicação impresso, e, em tendo um texto publicado de minha autoria, fica melhor ainda!” “Idem, amigo, pois

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

EUA: ser valente contra Irã, Iraque, Afeganistão, Cuba, Venezuela, Vietnã, Síria é uma coisa. Com a Coreia do Norte e suas 57 armas nucleares, a bravura vira diálogo diplomático.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

O tempo passa e nada do Flávio Bolsonaro “Dark” explicação...

Vital Ramos de Vasconcelos Júnior — Jardim Botânico

Lando Norris foi sensacional, um verdadeiro campeão. Norris venceu o GP da Holanda de Fórmula 1 de forma emocionante. Norris é talento puro, pura emoção, guiou muito! Bravíssimo!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

escreva agora para o **Correio**; e olhe, lá, vou ficar aguardando seus textos na coluna Sr. Redator”. E foi assim que nasceu essa parceria voluntária com os Diários Associados do DF. Muitas vezes, as coisas boas coroadas em períodos agradáveis — em nossa vida — nascem em momentos desoladores... Confesso que ao pegar o trânsito, retornando para casa, fiz uma meditação transcendental, nessa boa/agradável correnteza em águas de rios mansos, e acatei o bom conselho do amigo, que teve as bênçãos de Deus e do Anjo leiazeiro, sendo este nosso protetor da comunicação escrita e das artes!

» Antônio Carlos Sampaio Machado,
Águas Claras

Debate presidencial

O nível demonstrado no debate dos presidenciais foi alarmante. A ausência de respeito mútuo entre os candidatos deixou uma incômoda preocupação sobre o rumo da nossa política e bateu aquela saudade dos tempos de outrora. Na eleição de 1989, a primeira grande disputa após a redemocratização, o debate público tinha outro tom. O palco reunia figuras da estatura de Lula, Fernando Henrique, Ulisses Guimarães, Mário Covas, Leonel Brizola, Auréliano Chaves, entre outros. Existiam divergências profundas, mas o nível das propostas e o preparo dos debatedores estavam em um patamar muito superior. Quando colocamos o passado ao lado do presente, a conclusão é inevitável: a qualidade do debate público no Brasil sofreu um enorme retrocesso.

» Gilberto Pereira Tiriba,
Santos (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

Assinaturas: 360 EDIÇÕES (promocional)

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A.

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br